



## **Tiras Livres: Um Gênero em Processo de Consolidação<sup>1</sup>**

Paulo RAMOS<sup>2</sup>

Universidade Federal de São Paulo

### **RESUMO**

Autores brasileiros têm firmado nos últimos anos o que pode ser considerado um novo gênero de tiras. O aumento no número de exemplos, principalmente nos jornais, já justifica um olhar mais pormenorizado sobre o assunto. O gênero em questão tende a manter o formato das tiras, mas delas se diferencia na abordagem não humorística e na construção narrativa mais solta, com diálogos com a experimentação gráfica. O que parece marcar tais produções é a liberdade temática, que tende a transitar entre assuntos cotidianos, filosóficos ou pessoais. Dadas as características que as singularizam e a ausência de um termo que as defina, defendemos para tais produções o nome de tiras livres.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Tiras livres; tiras cômicas; tiras seriadas; quadrinhos; gênero.

### **A CONSTATAÇÃO**

Costuma-se creditar aos norte-americanos o surgimento e a consolidação das tiras. Nos primeiros anos do século 20, os autores de então ainda tateavam os recursos dos quadrinhos em busca dos melhores caminhos para se expressar na vindoura forma de arte, pautada na articulação da palavra com o desenho. Eram dias de experimentação. As descobertas mais eficientes foram repetidas e ajudaram a formar o que hoje conhecemos como linguagem dos quadrinhos.

O uso de um formato fixo foi uma das descobertas. Muitos dos quadrinhos passaram a ser produzidos num mesmo tamanho, horizontal, que se convencionou chamar de tira. O estabelecimento de um molde padrão havia se pautado em interesses comerciais: autores poderiam produzir uma mesma história e vender para mais de um jornal, principal *locus* de então para os quadrinhos. Empresas, os *syndicates*, se formaram para distribuir as tiras, inicialmente nos Estados Unidos, depois em outros países, Brasil entre eles.

Os temas variavam entre o humor e a aventura. Com o passar dos anos e o surgimento de outros personagens e séries, começou-se a haver um assentamento do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP de Produção Editorial, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo; e-mail [contatopauloramos@gmail.com](mailto:contatopauloramos@gmail.com)



modo de produção desses quadrinhos, consolidando-os como gêneros, entendidos aqui como tipos relativamente estáveis de enunciado, construídos numa situação sociocomunicativa, tal qual define Bakhtin (2000). Muitas das narrativas curtas – por conta do formato – apresentavam um desfecho inesperado, tal qual uma piada, como defendemos em outros dois estudos (RAMOS, 2007, 2009).

Outro gênero que começou a ser tateado na década de 1920 e, principalmente, a partir da de 1930 foi a tira seriada, também chamada por muitos autores como “tira de aventuras”. Tais histórias tinham como singularidade a narrativa relatada em capítulos diários, como se fosse uma novela. A cena que encerrava a ação era retomada, desse ponto, no dia seguinte. E assim sucessivamente. Uma mescla das duas formas de produção gerou um terceiro gênero, que temos chamado de tira cômica seriada. Trata-se de uma tira humorística com desfecho inesperado, mas inserido em uma narrativa maior – se a história for lida episódio após episódio.

Com maior ou menor variação, os três gêneros pautaram a produção de tiras nos Estados Unidos e nos países sul-americanos ao longo das décadas seguintes, com visível preferência pelas cômicas. É a que predomina nos jornais brasileiros, tanto que o senso comum tende a enxergar as tiras como sendo exclusivamente de cunho humorístico. Uma eventual fuga desse molde de produção significaria quebrar esse acordo textual implicitamente estabelecido com o leitor. Este tende a esperar a piada no desfecho da história que lê nos jornais. Mesmo nos novos suportes virtuais usados para veiculação de quadrinhos, como os blogs, a maioria dos autores daqui procura reproduzir o formato horizontal e o humor que popularizou as tiras.

Há autores brasileiros, no entanto, que romperam com a tradição herdada do século 20 e têm produzido, neste início de século 21, algo diferente dos gêneros de tiras vistos até então. São produções de temática livre, não humorística, quase pensatas ou crônicas construídas no limitado espaço da tira. Parece-nos que o novo modo de produção ganhou força e destaque com “Piratas do Tietê”, de Laerte, publicada no jornal “Folha de S.Paulo”. A série, poucos anos depois, influenciou outros autores a trilharem o caminho da experimentação gráfica, tal como ele.

Assim como visto no início do século passado nos Estados Unidos, há a consolidação de algo novo e, por isso, ainda pouco explorado teoricamente. O número de casos surgidos já justifica um olhar mais detalhado sobre o tema, algo necessário para entender as características que singularizam o gênero em relação aos demais.

## OS CASOS

Seguramente há quadrinistas que já produziram tiras sem humor, com temas mais sérios e reflexivos. Mort Walker, criador de *Recruta Zero*, deixou o humor de lado para homenagear, em uma de suas tiras, soldados norte-americanos mortos. Charles M. Schulz desenhou o cãozinho *Snoopy* redigindo uma comovente carta de agradecimento aos leitores ao decidir encerrar a produção da série. É muito provável que os jornais brasileiros tenham registrado exemplos semelhantes em décadas anteriores, mas é algo que tendia a ser pontual.

O desenhista Laerte Coutinho seguiu por anos o molde do humor e do uso de personagens regulares desde que passou a integrar o grupo de autores da “Folha de S.Paulo”. Ele se valeu de uma gama variada de personagens: o bajulador Fagundes, o Síndico, os Gatos, Overman. Uma das criações, os truculentos “Piratas do Tietê”, foi usada para batizar o espaço diário do caderno de cultura, que tinha como vizinhos os amigos Angeli e Glauco, responsáveis pelas tiras de “Chiclete com Banana” e “Geraldão”, respectivamente. Ambas também seguiam a tradição das tiras cômicas.

Mais ou menos na metade da década inicial deste século, a produção de Laerte começou a passar por uma transição. Primeiro, com o uso de personagens não regulares, criados especificamente para aquela tira, depois com mudanças temáticas, em que o foco estava em assuntos mais introspectivos, muitos deles levando o leitor a uma interpretação aberta do que o texto em quadrinhos trazia. A tira abandonou os personagens fixos e o humor e se transformou num espaço de experimentação, como se vê nos dois exemplos a seguir:

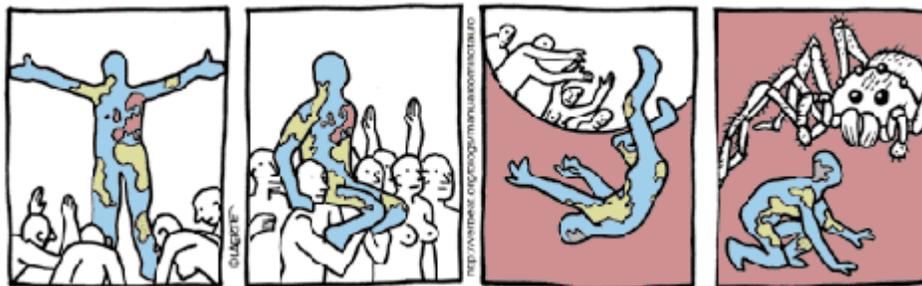


Figura 1 – Tira de Laerte, produzida para a “Folha de S.Paulo”



Figura 2 – Caso de tira de Laerte que permite uma interpretação livre do leitor

O desenhista revelou, em entrevista ao jornal “Folha de S.Paulo” publicada em 29 de agosto de 2008, que a mudança no modo de rumo se deveu à perda de um dos filhos num acidente de carro, dois anos antes. Desde então, passou a não ver mais o humor da mesma maneira. Nas palavras dele:

Passei a ver e pensar as coisas de outro jeito, uma série de procedimentos começou a perder o sentido ou ganhar outros. Muito do que consistia a natureza das minhas tiras era um tipo de prestação de contas, como se eu estivesse fazendo para algum juiz, era um modo extenuante de trabalhar. Passei a não achar mais graça no tipo de humor que fazia, não me identificava mais com aquele modo de fazer, então resolvi deixar de lado os personagens.

Houve leitores que receberam as mudanças com estranhamento. Dois outros jornais onde Laerte publicava os trabalhos – “Zero Hora”, do Rio Grande do Sul, e “A Tribuna”, do Espírito Santo – cancelaram a série, atitude que reforça dois aspectos. O primeiro é a tendência de as tiras serem vistas estritamente como cômicas no Brasil, como se somente esse gênero fosse possível. O segundo aspecto é consequência do anterior: a inovação feriu o pacto implícito estabelecido entre autor e leitor. Este passou a não encontrar nos textos diários as piadas que costumava ler habitualmente.

Em outras palavras, instaurou-se um processo de instabilidade dentro de um gênero até então estável, a tira cômica. Iniciava-se um ensaio de algo novo, em processo de construção. Apesar do estranhamento de leitores de outros jornais, a “Folha de S.Paulo” manteve a tira e a liberdade dada a Laerte. O novo modo de produzir as histórias curtas ecoou pouco depois no trabalho dos irmãos Gabriel Bá e Fábio Moon. Os desenhistas inauguraram uma série no jornal paulista intitulada “Quase Nada” – segundo Moon, porque é “exatamente o que dá para contar em uma tira”.

A declaração do quadrinista foi dada à “Folha de S.Paulo” numa matéria publicada no dia em que a série estreou, 14 de setembro de 2008. Na ocasião, Moon

assumiu a influência exercida pelo novo caminho trilhado pelo vizinho de página. “Gostamos de todas as tiras do Laerte, incluindo as atuais, que estão menos fáceis, mas são geniais”, disse Moon. “Essa liberdade que tem na ‘Folha’, de poder fazer tiras assim, que não sejam piadas, nos estimulou a tentar.”

Não ser calcada no humor, base da tira cômica, já sinalizava que a série semanal destoava das demais publicadas pelo diário, tal qual a produzida por Laerte. “Quase Nada” trazia ao menos outros dois diferenciais em relação aos outros quadrinhos do jornal. O primeiro era temático, dando prioridade a assuntos ligados a relacionamentos cotidianos. O segundo diferencial era o uso de um formato maior, equivalente ao de duas tiras, como se pode ver a seguir:

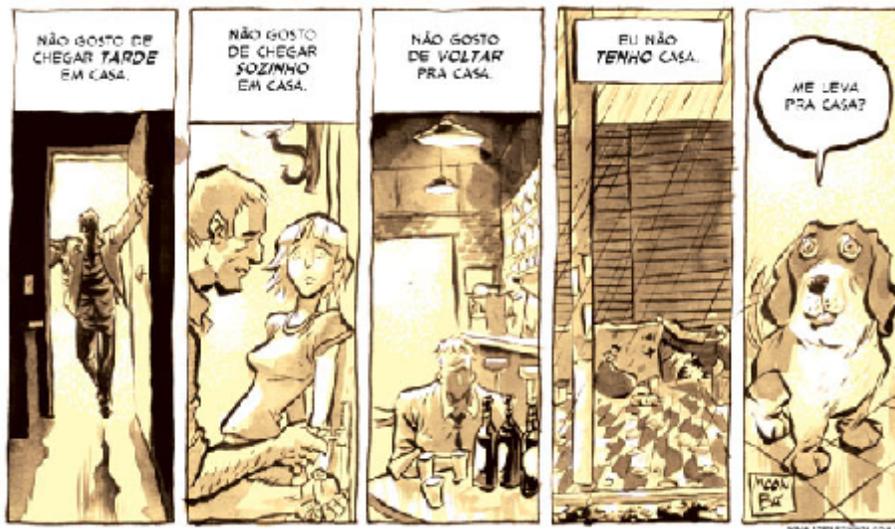
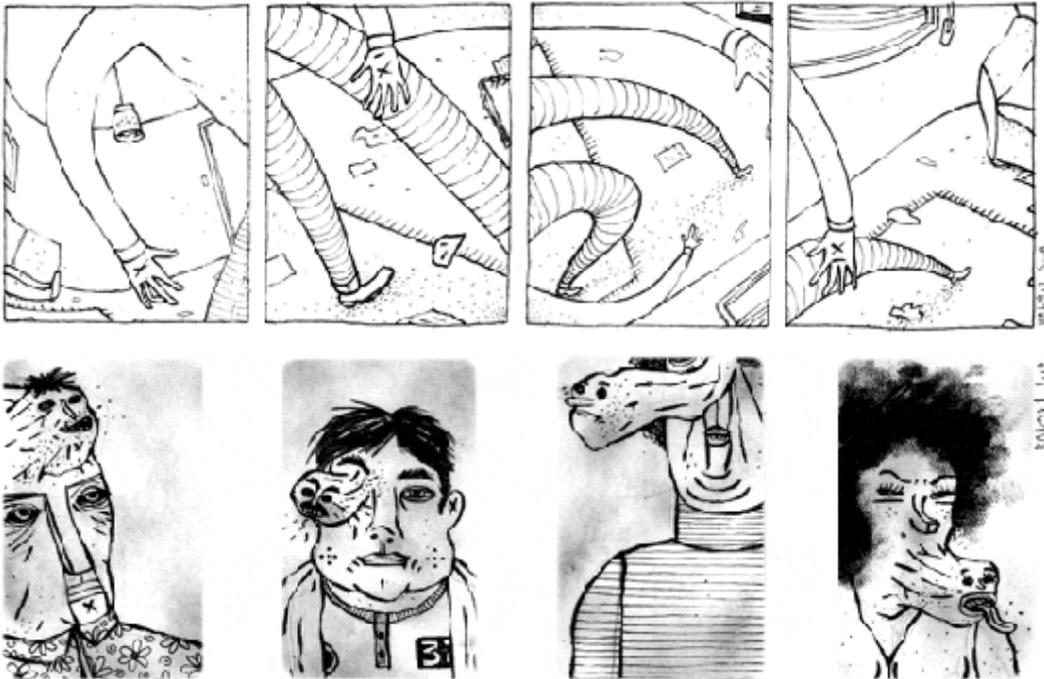


Figura 3 – Tira de “Quase Nada”, de Gabriel Bá e Fábio Moon

A internet também começou a registrar casos de experimentação no processo de criação de tiras. Um dos casos mais evidentes disso são os trabalhos veiculados por Rafael Sica em seu blog a partir de meados de 2009. As histórias, imaginadas sem palavras, apresentavam um nítido experimentalismo, tanto gráfico quanto temático:



Figuras 4 e 5 – Tiras produzidas por Rafael Sica para sua página na internet

A exemplo do que ocorreu com Laerte em jornais do sul do país, houve leitores que manifestaram inquietação sobre o que acompanhavam na página virtual, eleita em 2009 a melhor da categoria no Troféu HQMix, principal premiação da área de quadrinhos no Brasil. O desenhista reuniu alguns dos comentários deixados no blog e criou uma história sobre o tema, intitulada “Situação Crítica – Teorias, Conceitos, Divagações, Certezas e Chutes sobre a Obra de Rafael Sica (Extraído de Forma Literal da Seção de Comentários do Blog do Autor)”. As frases, reproduzidas nos balões, sinalizavam uma certa dificuldade dos leitores em extrair o sentido das tiras:

# SITUAÇÃO CRÍTICA

TEORIAS, CONCEITOS, DIVAGACÕES, CERTEZAS  
E CHUTES SOBRE A OBRA DE RAFAEL SICA

(EXTRAÍDO DE FORMA LITERAL DA SEÇÃO DE COMENTÁRIOS DO BLOG DO AUTOR)



Figura 6 – História em quadrinhos criada pelo desenhista Rafael Sica



A história em quadrinhos foi veiculada no dia 2 de outubro de 2009 no blog do autor. Até o dia 17 de julho de 2010, 234 leitores haviam se manifestado sobre ela no espaço do blog reservado a comentários. Boa parte defendia o trabalho diferenciado do desenhista, como evidenciam estes três depoimentos (registro do mesmo modo como foram veiculados no espaço de comentários do blog):

Isabela: Fantástico, mesmo. Admiro o seu trabalho, toda a atmosfera suja e realista que você cria não são nada mais do que reflexos da realidade. Palavras são mais simples de compreender do que desenhos, acho que vem daí toda a ignorância das pessoas nos comentários, nada mais ignorante do que ditar como ruim algo, somente por não entendê-lo. Parabéns, um belo blog. :)

Alberto: A partir do momento que você expõe seu trabalho, seja ele tirinha textos pinturas ou o caralho a 4, você não é mais dono dele, ele está livre pra mais de 1000 interpretações (ou só uma, no caso de todo o povo que chama seu trabalho de lixo, o q eu não concordo)

Rodrigo: Não preciso nem comentar. Quem não entende que vá procurar legenda no Google. O Sica é um dos quadrinistas brasileiros mais originais, sem discussão - quem não entende, provavelmente confunde humor com piada.

Houve, no entanto, quem o ironizasse, como o leitor que assinou apenas como Hulk e registrou a frase “Hulk esmaga Laerte e Rafael Sica”. Embora sarcástico, o depoimento é relevante por demonstrar que, do ponto de vista do leitor, já se iniciava uma aproximação entre os trabalhos de Sica com os de Laerte. Ocorreram, por fim, casos de internautas que o criticassem:

Pedro: Rafael, Achei desnecessária essa última tira. Ela quebra a "magia" criada pelo seu trabalho. Já não consigo imaginar você perdendo o seu tempo lendo esse monte de comentários inúteis. Agora, é difícil de entrar na minha cabeça, que você perdeu mais tempo ainda bolando uma tira sobre isso. A separação da percepção do artista em relação as percepções do seu público, é uma premissa para a originalidade. Lamentável...

Jorge: Cara, você deve se sentir mal com esse monte de gente fingindo que aprecia sua arte. Nada pior que ser agraciado pelo público que você mesmo repudia. Você deve sentir a mesma sensação que o Chico Buarque quando anda pela praia e cruza com um ex-BBB lendo um de seus livros. Foda...

Tal qual Laerte, Gabriel Bá e Fábio Moon, Rafael Sica reforçou o grupo de autores que passaram a extrair das tiras outros caminhos, diferentes dos tradicionais, e ajudando a dar um pouco mais de estabilidade à instabilidade desse modo de criação.

Isso ajuda a observar algumas recorrências, que permitem enxergar com mais clareza o que temos defendido ser um novo gênero, ainda sem nome definido, dado seu caráter prematuro e em processo de consolidação.

### AS PRINCIPAIS MARCAS

Em janeiro de 2010, outros dois desenhistas, o também escritor e ator Lourenço Mutarelli e o quadrinista Marcello Quintanilha, estrearam tiras no caderno de cultura do jornal “O Estado de S. Paulo”. A exemplo do que fizeram Gabriel Bá e Fábio Moon, Mutarelli e Quintanilha ocuparam um espaço equivalente ao de duas tiras e também produziram histórias sem o humor tradicional dos demais gêneros de tiras.

Mutarelli definiu sua tira, chamada “Ensaio sobre a Bobeira”, como um espaço de experimentação. “Nem eu sei o que quer dizer”, disse o desenhista, em entrevista ao jornal paulistano. “Não é pensado, não tem uma imagem, uma mensagem. É uma experimentação gráfica. Às vezes eu faço um desenho e, a partir do desenho, eu crio algum diálogo, algum texto não é pensado.”



Figura 7 – Tira de estréia de “Ensaio sobre a Bobeira”, de Lourenço Mutarelli

Marcelo Quintanilha preferiu usar o espaço da tira semanal para criar contos em quadrinhos, marca de seu trabalho. Uma vez mais, a série se pautou na exploração de uma liberdade temática e criativa:

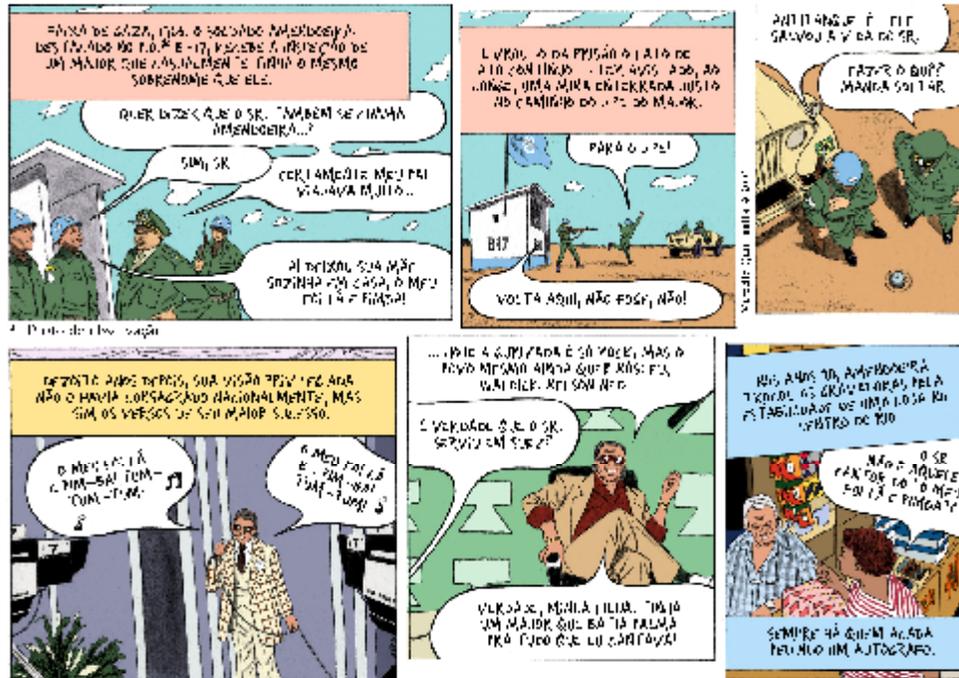


Figura 8 – Tira publicada por Marcelo Quintanilha em “O Estado de S. Paulo”

Percebe-se que há nesses trabalhos algumas recorrências, que os afastam dos demais gêneros de tiras: não do humor com piada, como nas tiras cômicas; histórias narradas em uma lufada só, ao contrário das histórias seriadas. Além disso, tendem a ter na liberdade temática, na ausência de personagens e situações fixas e na experimentação três de suas marcas centrais. Em relação aos demais gêneros, mantêm a utilização do formato, mesmo que no tamanho equivalente ao dobro de uma história como as outras da página – caso das séries de Bá e Moon, Mutarelli e Quintanilha.

Apesar do relativo pouco tempo de produção de tais histórias em quadrinhos, parecem ser essas as recorrências apresentadas por elas. O diferencial está pautado na liberdade, temática e gráfica. Em parte dos casos, a liberdade é compartilhada também com o leitor, a quem cabe fazer uma interpretação pessoal sobre o que leu – muitas



dessas tiras, como já dito, apresentam um final aberto. Daí a proposta de intitular o novo gênero como “tira livre”.

O termo é pautado em pesquisa de Martignone e Prunes (2008) sobre tiras publicadas na Argentina. Os dois autores usaram a expressão para se referir aos trabalhos criados por Rep, forma como o desenhista Miguel Repiso assina suas tiras publicadas diariamente no jornal “Página/12”, de Buenos Aires.

Rep começou a ocupar o espaço de tiras na segunda metade da década de 1980 com “Mocosos”, série de humor que tinha crianças como protagonistas. Na década seguinte, trocou os personagens. Passou a focar, então, um ex-revolucionário, Gaspar, que precisa se adaptar à vida capitalista para sustentar a família. Pouco antes da virada do século, Rep radicalizou o espaço diário e passou a criar situações cômicas ora com suas criações tradicionais, ora sem personagens fixos. Foi a essa liberdade no trato com a série que Martignone e Prunes chamaram de tira livre.

Entendemos que, apesar de serem pautadas na escolha individual do que irá produzir, as tiras de Rep ainda mantêm o humor e o desfecho inesperado, tal qual as tiras cômicas tradicionais. A liberdade, por assim dizer, seria a de manter ou não personagens fixos, algo que Laerte já fazia na série “Classificados”, publicada na “Folha de S.Paulo” na segunda metade da década de 1990 e, depois, compilada em três livros, e por onde outro brasileiro, Paulo Caruso, enveredou na década de 1980 na série “Mil e Uma Noites”, tiras que circularam no carioca “Jornal do Brasil” e que também ganharam coletânea.

O termo tira livre, no entanto, parece-nos o mais apropriado para se referir aos novos trabalhos realizados pelos autores brasileiros. Nesses casos, há, de fato, uma liberdade nos temas e na abordagem, algo que os distingue do que vem sendo feito até então e torna tais criações singulares, inclusive em termos de gêneros.

## **AS TIRAS LIVRES**

Um grupo de autores brasileiros vem produzindo neste século, em dois jornais paulistas e de forma sistemática em pelo menos um blog, um conjunto de tiras que compõem algo novo no modo como elas vinham sendo produzidas até então. As novas histórias se pautam numa liberdade temática, na ausência do humor, em tentativas nítidas de experimentação gráfica. Por isso, distinguem-se dos demais gêneros afins e já se pode dizer que consolidam um gênero novo, autônomo, peculiar da produção nacional de histórias em quadrinhos.



São produções que já encontraram a estabilidade em seus enunciados. Ter registros de reações de estranheza por parte de alguns leitores só reforça a premissa de que se trata de algo efetivamente novo, diferente do que vinha sendo produzido até então, em particular nas tiras cômicas.

Exatamente por se centrar na liberdade de produção, entendemos que o termo “tira livre” seja o mais apropriado para se referir ao novo gênero, numa releitura da acepção como Martignone e Prunes originalmente trabalharam a expressão. Sabemos, no entanto, que cunhar um nome e identificar as principais marcas de produção são apenas os primeiros passos para entender tais produções, que precisam de outras investigações para serem bem compreendidas.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Dois jornais cancelam tiras de Laerte. Disponível em [http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2008-06-01\\_2008-06-30.html#2008\\_06-13\\_11\\_10\\_26-135059040-27](http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2008-06-01_2008-06-30.html#2008_06-13_11_10_26-135059040-27) Acesso em 17 jul. 2010.

Gabriel Bá e Fábio Moon estreiam tira semanal em jornal. Disponível em [http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2008-09-01\\_2008-09-30.html#2008\\_09-14\\_15\\_43\\_43-135059040-27](http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2008-09-01_2008-09-30.html#2008_09-14_15_43_43-135059040-27) Acesso em 17 jul. 2010.

Lourenço Mutarelli e seus cadernos libertários. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,lourenco-mutarelli-e-seus-cadernos-libertarios,498847,0.htm> Acesso em 15 jul 2010

Mais uma explicação de Laerte. Agora, sobre as tiras filosóficas. Disponível em [http://blogdosquadrinhos2.blog.uol.com.br/arch2007-08-01\\_2007-08-31.html#2007\\_08-29\\_17\\_12\\_22-128224777-27](http://blogdosquadrinhos2.blog.uol.com.br/arch2007-08-01_2007-08-31.html#2007_08-29_17_12_22-128224777-27) Acesso em 17 jul. 2010.

MARTIGNONE, H. & PRUNES, M. **Historietas a diário – Las tiras cômicas argentinas de Mafalda a nuestros dias**. Buenos Aires: Librería, 2008.

Os cadernos libertários de Lourenço Mutarelli. Disponível em <http://tv.estadao.com.br/videos,os-cadernos-libertarios-de-lourenco-mutarelli,85427,253,0.htm> Acesso 15 jul 2010.

Rafael Sica ordinário. <http://rafaelsica.zip.net/>

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 424f. Doutorado (Letras, Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.